Gestão e Desenvolvimento, 26 (2018), 245-253
Data de receção: 18/04/2018 Data de aceitação: 30/05/2018

"Rostos da Emigração" - um marco no memorial do desassossego

"Faces of Emigration" - a milestone in the memorial of unrest

Nota introdutória

O livro, "Rostos da Emigração", de Joaquim Tenreira Martins, apresentado a 22 de março de 2018 no Consulado Geral de Paris, procura a alma de um povo expulso do jardim e em permanente desejo/atração de retorno, um povo que vive entre o cá e o lá, entre o "sonho e a esperança", como dizia um poeta dos anos 60. Uma vez deixado o país, a que se chamou "jardim à beira-mar plantado", o povo emigrante não pode deixar de se confrontar com o apelo ao regresso; o paraíso que não se encontrava, afinal, ao desembarcar do comboio.

A questão da emigração pode ser abordada através da literatura ou por meio da investigação científica. Joaquim Tenreira Martins, com este livro, escolhe a arte literária e ficcional para abordar esta temática nuclear da vida e do imaginário português. Do nosso lado, optamos, como é natural, pela análise científica desta ficção literária que o autor intitulou "Rostos da Emigração".

Josué de Castro, com o seu livro "Sete Palmos de Terra e um Caixão", em 1965, emocionou o mundo, despertando-o para o problema brasileiro dos "sem terra", quando todos os estudos socioeconómicos publicados não tinham conseguido lançar o desassossego no Brasil dos Coronéis. Essa é a força da literatura que procura na arte das construções frásicas o propósito adequado para criar desassossego.

A pesquisa científica é de outra índole. Ela propõe-se, ao invés da literatura, o controlo de um fenómeno, apostando numa abordagem securizante. É, pois, a ciência que necessita da literatura para que um tema ganhe verdadeira relevância e entre na consciência dos povos.

Entrevemos, no propósito do autor, uma preocupação muito refletida de trazer a emigração para o seio do que poderíamos designar de "memorial do desassossego", parafraseando a crítica brasileira Ana Cunha, inscrevendo-a na via do pioneirismo de Fernando Pessoa. Mas será que Joaquim Tenreira Martins se enquadra de pleno direito na arte ou na poética do desassossego da consciência nacional, criando uma obra literária de

cariz inovador e susceptível de enriquecer esse memorial tão necessário a um acerto de contas pátrio? Justifica-se uma retrospeção ficcional como a que o autor nos propõe sobre a vida dos emigrantes portugueses desterrados, sacrificados à divindade desenvolvimentista da Europa Central, nos últimos 60 anos, que, na sequência da guerra colonial, exauriu e deixou envelhecido aquele que era um país de jovens?

A abordagem científica que nos propomos seguir é neutra e distante, e daí também o interesse objetivo da sua *démarche*. Propor uma questão e demonstrar a valia literária de uma obra exige rigor e distanciamento que procuraremos respeitar. Desde já pedimos desculpa pela linguagem árida da abordagem, que tentaremos amenizar através do recurso a metáforas explicativas.

Que percursos de reflexão se nos abrem nesta abordagem científica à obra "Rostos da Emigração" que aqui nos interpela?

Vias de reflexão

1. A primeira via de reflexão é a designada análise histórico-crítica. É aquela em que, primeiramente, o questionamento do investigador se centra na noção de autenticidade da ação profissional e de vida do próprio autor, ou das preocupações sociais e éticas que trespassam para o texto. Em segundo lugar, a via histórico-crítica centra-se na coerência e na verosimilhança que perpassa nas narrativas propostas, a partir de memórias ou de reconstituições de pedaços de vida, cuja trama dramática o autor terá testemunhado. É, assim, graças ao confronto com a questão da autenticidade que a análise científica procura restituir o sentido profundo de uma obra que se pretende literária. A metáfora que parece subjacente a esta reconstituição de "rostos da emigração" é a do deus mítico, Janus Bifrons, em que cada personagem se apresenta dotada de uma face mais angélica e outra mais demoníaca, as quais enquadram os designados rostos, um pouco à imagem evocada na obra poética de José Régio. A imagem da mulher – esposa dedicada e traiçoeira, por exemplo. Um exagero de Joaquim Tenreira Martins? Eduardo Lourenço revela também a imagem perturbadora e paradoxal da empregada doméstica portuguesa em França, descrita, sistematicamente como irrepreensível, mas que pode esconder, na inveja, a ladra que a seu tempo se irá revelar. Esta via de análise da paradoxalidade dos rostos representa um primeiro nível de leitura e o mais visível ou reconhecível para o investigador.

2. A segunda via de análise do livro "Rostos da Emigração", de Joaquim Tenreira Martins, é a de tipo linguístico e estruturalista, em que o

investigador olha para o texto sem preocupações de método, mas de modo. Neste tipo de abordagem, todo o texto é assumido como um sistema estruturado de elementos e de signos em que todos estes se encontram relacionados uns com os outros, sem que a respetiva conexão seja imediatamente apreensível. Guia-nos nesta via de leitura a metáfora do sonho. Este pode ajudar a constituir, efetivamente, um segundo nível de leitura, naturalmente mais íntimo ao texto, e abordado como o resultado de múltiplas desconstruções de figuras, depois transferidas para os quadros/rostos. A transferência sujeita os rostos imaginados pelo autor a condensações de sentido e a deslocações sucessivamente processadas, antes da sua fixação definitiva, no recluso, no motorista, na mãe viúva ou no toxicodependente, por exemplo. Rostos isolados e sofridos, desprezíveis, por vezes, sempre sedentos de cuidado. Os rostos emergem do seio de uma comunidade frágil, algo afastada e tantas vezes descrita, e não sem razão, como solidária e acolhedora. Os rostos deste livro evocam um confronto de características que ajudam a compor uma pluralidade de sentidos condensados.

3. A terceira via de análise seria de cariz mais existencialista (no sentido heideggeriano), em que a metáfora de apoio poderia assumir a figura de um caminho escondido pelos arbustos no seio de uma floresta. Para chegar ao sentido torna-se necessário questionar os signos subjacentes, isolá-los, retocá-los, como quem é forçado a cortar o mato rasteiro para descobrir esses marcos que bordejam o caminho. Quais são os marcos/rostos que o autor nos propõe, como se os mesmos fossem estátuas que nos fixam com o seu olhar? É este um desafio para o investigador que tenta descortinar os dramas desta emigração paradigmática de um povo, que se procura e se desagrega? É a leitura mais estimulante deste livro, a nosso ver, e que aqui iremos privilegiar.

Quais as dimensões a ter em conta nesta terceira hipótese de leitura deste livro, "Rostos da Emigração", de Joaquim Tenreira Martins? Selecionaremos sete dimensões: uma referência situacional, quatro questões associadas à referência, e dois testes, a que sujeitamos as narrativas. Pretende-se poder chegar a uma única proposição sintetizadora. Procuramos enunciar, com ela, o condensado da totalidade do discurso ficcional.

3.1. A *situação* de que se fala no texto, o espírito do espaço/território em referência atinge-nos, prende-nos, envolve-nos, penetra-nos, força-nos a entrar na vivência de cada narrativa. A situação poderia equiparar-se à metáfora da nascente, em que a água envolve e nos penetra, igualmente, como investigador/leitores. Uma torrente cuja água irrigaria um certo

jardim, do qual já nostálgicas e sedentas, as personagens, os rostos se veem excluídos.

3.2. De que *jardim* é, então, questão? Falar de situação é questionar o jardim de que se sai e o paraíso sonhado em permanente demanda, a sede que se sente no afastamento, naquele exílio babilónico (evocado pelo autor, na dedicatória) e que, necessariamente, remete ainda para as nascentes pátrias.

3.3. Qual a palavra ou o *dito* (único) unificador, sintetizador do texto? A força de um texto literário decorre, mede-se pela unidade de ação, de tempo, de lugar, de ritmo, ou seja, constitui-se em torno de um dito unificador: sair retornando, retornar saindo, pertencer a um não lugar, sempre a caminho, sempre em êxodo/diáspora. O texto parece, neste particular, apresentar uma visão alternativa à de António Vieira que Agostinho da Silva gostava de citar: "um palmo de terra para nascer e o mundo inteiro para morrer". Agostinho propõe que todos devem ser vários quando pretendem ser eles próprios, ou ainda, por que foram verdadeiramente portugueses foram homens vários, que é aquilo que todo o português deve ser, para citar o Professor Manuel Gama. E Agostinho continuaria nesta mesma onda até à exaustão: ao contrário dos outros europeus que seguiram o modelo filosófico da Grécia, o português é um homem à solta que não se pode calibrar, nem o seu espírito se pode enformar. Um ser de aventura, um errante, que deve manter-se livre e atuar com raiva. Ora a visão emergente na obra “Rostos da Emigração”, se bem que opte pela ideia do múltiplo que coexiste em cada rosto, seria antes a de personagens em busca de uma vida no presente, como se elas tivessem medo de sair do seu pequeno mundo. Seria, neste caso, uma visão mais próxima da do filósofo José Gil em "Portugal, o medo de existir", ou seja, a de uma vida, vivida em retraimento sobre si.

3.4. Qual a verdadeira natureza da *ação/inação unificante* deste dito originário? A autonomia cidadã, propícia a um tempo longo de aventura, ou antes, o medo de uma emancipação adulta? O ritmo discursivo é pautado pela fluidez, ou é, ao invés, marcado por um movimento de círculo fechado como na água de um lago sem horizontes? Mais Agostinho da Silva, ou mais José Gil?

3.5. O autor, como Albert Camus, na obra "A Peste", colocou os rostos num contexto de *sistema fechado*, para melhor confrontar o leitor com a angústia da emigração? A obra sugere personagens arquetípicas a subir a montanha da vida sem verdadeira esperança de sucesso. Perto do fim, volta-se frequentemente à base de partida, como num reescrito "mito de Sísifo".

Que resposta fornece o autor, para estas perguntas?

3.6. Procederemos, agora, a um primeiro teste ao *diálogo* proposto nas narrativas entre o ato de emigrar e o pensamento relativo ao sonhado sucesso, subsequente. Cada personagem ao sair do jardim, é como se perdesse a sua individualidade primeira para, no movimento de retorno, o seu rosto se sobrepor a cada um de muitos outros, deformando-se e recompondo-se num novo rosto arquetípico. Este viverá um breve tempo de saídas/retornos no contexto de um espaço que se vai fechando e em que os mesmos rostos se cruzam sem cessar. O espaço/tempo da ação de desconstrução/recomposição dos rostos é o gabinete do consulado (de resto, o único espaço não ficcional). É ele o teatro que oferece o cenário do drama indefinido que ali se cruza. Situações basicamente irresolúveis, em que o diálogo entre as necessidades e a ajuda se estabelece e resolve. Relação de ajuda/cuidado, tornada necessária (pela fragilidade descrita). Pergunta-se, entretanto, legitimamente, se tal relação de ajuda não seria dispensável porque a burocracia consular constituiria já uma resposta suficiente para a resolução das situações descritas? A resposta do Joaquim Tenreira Martins é inequívoca. Como Neruda em "Confesso que vivi", também aqui se opta por um "confesso que estes rostos seriam mais sombrios sem a relação de ajuda". Esta ter-lhes-á permitido beneficiar da frescura de uma certa "brisa da tarde", como no primitivo Éden. Mas, e agora que as narrativas se esgotaram naquele espaço/serviço de acolhimento é o "medo de existir" que irá prevalece e ensombrar as situações futuras? Os rostos irão agora ser, de novo, deixados entre dois jardins, aquele de onde saem e aquele onde não se enquadram verdadeiramente, sem relação de ajuda, sem que alguém se responsabilize por uma ética do cuidado? A obra inscreve-se efetivamente na ótica do desassossego.

3.7. Um segundo teste ao texto passaria, ainda, pelo tratamento do processo de *saída de cena* proposto para cada um dos rostos. Cada rosto, ao despedir-se do leitor, representa já um desencontro com os seres individuais que forneceram os elementos para a sua condensação e deslocamento, fragilizando-se na sua relação com uma existência autónoma e quedando-se inseguro face às dificuldades da existência. Os rostos saem de cena como se não houvesse uma nova oportunidade de ser escutado. A questão que se nos coloca, enquanto investigador, é a de saber se estes rostos se apresentam como verdadeiros símbolos de uma diáspora conjugada pela esperança ou antes de um desperdício de vidas em desfalecimento? Forçoso se torna reconhecer que cada rosto se prepara para sair de cena, por norma, exangue de forças e com necessidades previsíveis de ajuda futura. O futuro que se antevê na conclusão de cada quadro não parece encontrar uma saída para a autonomia. O medo parece espreitar o

futuro. Cada rosto esconde uma legião a desassossegar a consciência nacional.

4. Arriscamos, enfim, uma quarta via de análise, esta baseada na metáfora cultural. O que nos revelam os termos com pendor cultural escolhidos pelo autor, relativamente ao debate que evocámos, entre a aventura bem-sucedida e o medo da própria sombra?

4.1. Que valores refletem os textos/quadros? Usamos o método do psicólogo americano David McClelland, de contagem de palavras com significado inequívoco. Quatro conceitos emergem, com estes ou outros termos: Poder (107); Controlo (35); Feminilidade (10); Coletivismo (53).
Em síntese, o filósofo José Gil fala de uma elevada submissão ao poder e de uma baixa capacidade de afirmação individual. Acresce que as dimensões culturais expostas são consentâneas com as de Geert Hofestede, e os números encontrados não divergem dos deste investigador holandês. A cultura portuguesa configura características de uma ação solidária espontânea possível, mas apenas efetiva em círculos muito restritos. As pessoas fragilizadas facilmente sucumbem, na ausência de um sistema de ajuda explicitamente organizado para esse fim.

4.2. Perfis psicológicos (ou motivos de ação) subjacentes: De novo poderemos falar em quatro conceitos: (107) Poder; Afiliação (4); Sucesso (11); Autonomia (0).
Decorrente destes perfis, verifica-se que se repete a situação teorizada por José Gil, um povo de baixíssima capacidade autonómica e de espírito de realização frágil.

4.3. Quando perscrutamos o teor das emoções presentes no texto, encontramos o quê? Alegria (10); Tristeza (43); Medo (2); Raiva (5).
Em termos de controlo emocional, o povo que os rostos retratam aparece-nos como nostálgico, melancólico, triste.

4.4. Espírito organizador do texto (espécie de teste quantitativo da perspetiva existencialista, exposta antes): a palavra *regresso* aparece 61 vezes e a palavra *Portugal* está presente em 126 frases.

Os rostos de emigrantes, contextualizados na obra em análise, retratam um povo de gente à procura de futuro, sob a forma de um Êxodo, dirigindo-se do jardim que os rejeita para um Éden estranho. Um povo que se mantem entre o local e o longínquo, com apelos indizíveis de ajuda.

II - Riscos de apelo a uma identidade emigratória retrógrada

Alguma literatura (do tipo, testemunho) tem sido produzida sobre a emigração mais ou menos bem-sucedida, evocativa da metáfora da aventura associada à capacidade de "desenrascanço", um sucesso não-

planeado. A leitura do livro "Rostos da Emigração", de Joaquim Tenreira Martins, deixou-me uma impressão algo familiar: a Diáspora de sucesso, tantas vezes decantada pela governação e pela opinião publicada em Portugal, retoma termos de grandeza que por hábito associamos a algo que convive bem com o passado mítico, evocado com frequência mais que abusiva, o caso dos Descobrimentos, como sinónimo de aventura não-planeada. Ora o autor, a este respeito, filia-se antes no ponto de vista da História Trágico-Marítima, por assim dizer. Uma opção correta, esta de procurar o lado da oportunidade trágica, o lado antiépico da emigração? Não é efetivamente o lado épico, mas, antes o lado trágico que tantos outros autores, igualmente estampam nas suas obras. Socorremo-nos de Brigitte Paulino-Neto, uma filha de portugueses, que nos interessa evocar e que sublinha o nosso propósito - "Dès que tu meurs appelle-moi, Paris: Gallimard, 2010" e "La Mélancolie du géographe, Paris: Grasset, 1994". Nesta, a autora coloca em cena um narrador (geógrafo) que se interroga: como pode ser-se português? Como pode alguém ser em simultâneo o herdeiro da epopeia dos Descobrimentos e ser contemporâneo desta grande tragédia que é a emigração? Henri Troyat publicou, acerca da emigração portuguesa, "Le pain de l'étranger, Paris: Flammarion, 1995" em que escolhe como mote o texto do "Paraíso" de Dante: "tu provarás como é salgado o pão estrangeiro e como é duro o caminho de subir e descer pelas escadas dos outros".

Foi este lado trágico da emigração que o meu avô e o meu pai testemunharam em 1929/30 (os anos da grande depressão), em França, e que eu próprio haveria de testemunhar, também, nesta mesma pátria gaulesa, nos anos 60.

O livro de Joaquim Tenreira Martins é, entretanto, trágico, não à maneira clássica inspirada pela literatura grega, mas à maneira bem portuguesa: rostos sofredores, distantes e próximos, não idealizados mas empáticos, que apelam à compreensão do leitor.

Efetivamente, a sensação estranha que me atravessou ao ler esta obra de Joaquim Tenreira Martins, e, ao conhecê-la ainda em manuscrito, a incentivar vivamente a sua publicação, foi motivada sobretudo por me dar conta de que poderia não haver continuadores da ação cuidadora do autor. Opção orçamental? Os portugueses expatriados não podem ser deixados num "entre lá e cá". Esta é a força da obra "Rostos da Emigração": a água que evocávamos em sentido metafórico, encharca e fustiga os "Rostos", e nem a sede mata. O autor deixa um testemunho de uma ética de cuidado que é puro investimento. É que não há sucesso possível sem alguma "ajuda cuidadora". De quantas falhas se compõe um sucesso?! Pertence à melhor literatura denunciar as falhas coletivas e não as deixar silenciar. Estas não

podem continuar a ser assumidas por conta do próprio ser humano sofredor, como é tão comum na cultura portuguesa. E o Joaquim Tenreira Martins disse presente, para que conste e não se esqueça.
Dominique de Roux, um super espião ao serviço da OAS francesa (e simpatizante da PIDE/DGS!), escreveu que nunca se cruzou com qualquer outro povo, como o português, que confiasse tanto na sorte.

Completam-se, por estes dias, 100 anos do abandono pátrio dos soldados de La Lys (antes, durante e depois do desastre bélico, que não deixou de ser, apesar da falta de meios, um ato de coragem suprema e que retardou, durante muitas e determinantes horas, o que parecia ser uma força germânica imparável). O termo abandono ferirá, apesar de tudo, algumas sensibilidades disponíveis para trocar o apoio aos vivos por memoriais aos mortos!? Um irmão do meu avô paterno (vítima dos bombardeamentos com gás mostarda desse dia trágico de abril de 1918), e literalmente a "vomitar os pulmões" sem qualquer cuidado médico por terras do norte do distrito de Viseu, marcaria irreversivelmente a infância do meu pai. Atenção, porque a versão da "ética do cuidado" desses terríveis anos da Primeira República deixou escola! Quero, por isso, terminar, aqui em Paris, com a evocação de um grito de revolta do Marechal Gomes da Costa, o mesmo militar que tinha comandado o corpo expedicionário português em França: "preparação é uma coisa que não existe em Portugal; tudo se faz por impulso, bruscamente, segundo as necessidades do momento; (...) Deus decidirá (...) o saber e a inteligência de nada servem. Resultado - um desastre"! Menos de um ano depois, destas palavras graves, o mesmo militar, com o movimento do "28 de Maio de 1926", punha fim ao regime republicano que havia de dar origem ao designado Estado-Novo. Novos resultados!? A governação económico-social do salazarismo, iniciada com a vaga emigratória de 1929/30, haveria de terminar por um saldo hemorrágico nos anos 60 e pela opção sistemática pelas burocracias sem rosto humano!
Estou convicto de que a ficção será porventura a forma superior de abordar a tragédia da emigração portuguesa.

III – Conclusão: por um apoio jurídico-assistencial, motor de organizações em rede

Subjacente a esta obra literária, de cariz ficcional, Joaquim Tenreira Martins encontram-se as expressões poético-estéticas que permitem entrever o testemunho de uma realidade institucional modelar. O consulado português em Bruxelas desenvolveu, efetivamente, com os meios equivalentes aos do vencimento de um quadro técnico, um modelo de

apoio, em simultâneo jurídico e social, que devia ser objeto de estudo e de réplica, sem menosprezo por outros porventura equivalentes. Na obra, este espaço público (jurídico-assistencial) representa o país de Abril, redimido (não-abandonante), e apresenta-se como um ator público, funcionando como esteio e motor de "**organizações em rede"** de emigrantes. O gabinete (agora despejado) já não constitui um símbolo da ética do cuidado, esse cimento de solidariedade proactiva sem o qual o país se encontra ameaçado de regresso à condição de jardim de expulsão. Não se compreende, pois, a passividade das organizações de emigrantes em face deste "silêncio-gritante" do sobe do espaço consular, que serviu de cenário ao desenrolar dos dramas condensados nestes "Rostos da Emigração".

Quem poderá estar interessado na seca das fontes do jardim originário, no desfalecimento da ética do cuidar, deixando um consulado de Portugal entregue apenas às funções da burocracia? Denunciar é, por certo, o sentido último do caminhar processional dos rostos que se erguem destas narrativas, caminhar esse tão bem pintado, por sua vez, na capa destes "Rostos da Emigração" pelo Mestre António Cristóvão.

Colocámo-nos, no início desta apresentação, a questão relativa à valia literária da obra em análise. Fica a minha resposta afirmativa, com apelos à multiplicação de leitores atentos à mensagem que entendo estar latente. O desassossego criado por estes rostos da emigração portuguesa, tão bem cuidados na estética desta obra, contagiou-me e entendo que todos podemos fazer coro, como na tragédia clássica. Os rostos que se seguem, nas salas de espera dos consulados, precisam de continuar a merecer um cuidado ético, profissional e criativo. Estou certo de que me acompanham num obrigado ao autor, aqui neste espaço consular em Paris, por colocar o seu contributo literário, tão forte e tão conseguido, no ***memorial do desassossego*** da emigração portuguesa.

Albino Lopes
(Professor jubilado do ISCSP-Universidade de Lisboa)